



O CONHECIMENTO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO ACADÊMICO.

MARIA AUXILIADORA SAMPAIO SILVA
LELIANA SANTOS DE SOUSA

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Neste artigo apresentamos algumas reflexões decorrentes da pesquisa de mestrado em andamento, a fim de compreender como pesquisadores acadêmicos percebem e discutem o conhecimento das comunidades tradicionais, bem como sua interação com estes. Utilizamos no Banco de Tese da CAPES os seguintes descritores associados: “produção do conhecimento” e “comunidades tradicionais”, e selecionamos a partir dos resumos. A análise foi embasada na discussão acerca da produção de conhecimento por Boaventura de Sousa Santos e consciência crítica em Paulo Freire. Como resultado identificamos a dificuldade por parte em reconhecer os membros das comunidades tradicionais como autores do conhecimento embora se admita que os mesmos detenham conhecimento equivalente ao conhecimento científico.

Introdução

Estudos sobre a presença de acadêmicos remanescentes de povos africanos e dos povos autóctones anunciam a necessidade de compreendê-los em seus modos de ser, de agir e de pensar, bem como sua forma de significar o mundo, apontando, inclusive, a discrepância na produção e disseminação do conhecimento do país e a diversidade que o constitui nas diferentes comunidades em termos de práticas, de vivências e de concepções de mundo, além da sua dificuldade na participação, com sua autoria, do que se produz como conhecimento no país, mesmo quando seus membros conquistam a formação universitária (OLIVEIRA et al., 2009; BRAND; CALDERONI, 2012).

As chamadas “populações tradicionais”, através de suas entidades representativas e de diversos movimentos sociais, apregoam que este conhecimento intrínseco não pode ser assim expropriado, não pode ser subdividido e retalhado entre laboratórios, desagregando os domínios de saberes em que são socialmente produzidos (ALMEIDA, Alfredo, 2004, p. 18).

Metodologia

A fim de compreender as perspectivas da comunidade acadêmica sobre a produção do conhecimento por partes de Comunidades Tradicionais, nas pesquisas *stricto sensu*, utilizamos o Banco de Tese da CAPES (BT) associando-se os descritores: “produção do conhecimento” e “comunidades tradicionais”, em seguida fazendo uma seleção a partir das leituras dos resumos dos trabalhos indicados.

Inicialmente, destacamos o resultado de que dentre os 155 registros indicados pelo BT, o qual apresentou teses e dissertações defendidas nos anos de 2011 e 2012, nenhum deles fez referência ao termo produção do conhecimento por parte das comunidades tradicionais (CT), embora uma parte significativa dos registros tenha feito referência a conhecimento tradicional: treze deles; a outra parte fala do conhecimento das CT sobre algumas áreas do meio ambiente: mais treze, somando um total de vinte e seis referências. O que ocorre é que não é mencionado, ou reconhecido às CT o ato ou a autoria da produção dos seus conhecimentos; embora, alguns registros trarão a expressão/termo “seus conhecimentos” ou “detentor do conhecimento”, se referindo às CT.

O resultado descrito acima remete a alguns aspectos que Santos (2002), apresenta concernente a produção do conhecimento na *contemporaneidade*[1] uma é: “a construção do conhecimento multicultural tem duas dificuldades: o

silêncio e a deferência.” (SANTOS, 2002, p.30); e outra, que diz respeito ao que ele vai chamar de política semântica tendo em vista que “foram criados ícones híbridos constituídos ecleticamente com elementos de diferentes campos” (SANTOS, 2002, p.28), o pesquisador enfrenta dificuldades de assumir posicionamentos ou tomar partido no campo para sua produção de conhecimento, isso será retomado adiante.

Dentre os 155 registros indicados pelo BT, só três mencionam, no resumo, a palavra “produção” associada à palavra “conhecimento”, no contexto de estudos envolvendo CT. Tal palavra “produção” é cara a perspectiva deste estudo por conta da ideia de ato insinuado por ela, e neste sentido, interessa aqui, buscar o ator/autor dela, e conhecer suas perspectivas.

Para fins de convenções dos excertos, BT mantém o significado de Banco de Tese CAPES e PC equivale a Produção do Conhecimento que associados BTPC constituem origem do excerto e temática ligados por um traço ao documento propriamente dito. Os excertos abaixo ilustram como os documentos fazem referência à produção do conhecimento extraído do resumo:

Quadro – contexto da expressão: produção de conhecimento nas obras selecionadas.

(BTPC-LIT)	[...] produção de novos conhecimentos sobre o modus vivendi das comunidades tradicionais da Amazônia; [...] O estudo visa à produção de conhecimentos técnicos e científicos em consonância com as necessidades sociais, culturais e políticas das comunidades ribeirinhas [...](grifo meu).
(BTPC-ALE)	[...] a partir de um diálogo verdadeiro entre a ciência moderna e outras formas de saber e produzir conhecimento , tal como os chamados saberes tradicionais (grifo meu).
(BTPC-GOT)	Abordar os aspectos socioculturais dos povos do mar, não é tarefa fácil, tendo em vista a reduzida produção acadêmica brasileira no âmbito das culturas populares da pesca. (grifo meu).

De acordo com as ilustrações da referência à temática “produção do conhecimento” em contexto de estudo que tratam das comunidades tradicionais acima, a palavra “produção” associada à palavra “conhecimento” ou, também, a sua aproximação semântica – de acordo com as práticas sociais hegemônicas no âmbito da universidade - a palavra “acadêmica”, dois registros estão se referindo ao pesquisador ou a prática institucional de pesquisa: os excertos BTPC-LIT e BTPC-GOT; e, um apenas, parece fazer referência à produção de conhecimento, também, por parte das comunidades tradicionais: BTPC-ALE.

Antes de tudo, cumpre esclarecer que a perspectiva instaurada aqui vai à direção de não dissociar o autor, do seu conhecimento uma vez que ambos o autor e o conhecimento se constituem mutuamente no ato e na reflexão conforme Freire (1979). Sendo, pois, o imortal mágico que atua atraindo a visibilidade de sua morte enquanto reexiste na invisibilidade de sua vida parafraseando o silêncio e a diferença em Santos (2002).

A fim de construir uma compreensão de como se constitui a ação de “produção do conhecimento”, procedemos a leituras na íntegra, dos três estudos acima, em um primeiro momento lendo-os de maneira consecutiva, depois nos detendo em cada um buscando como se estabelece o relacionamento entre os partícipes da pesquisa.

Vale salientar que o objetivo deste trabalho consiste em compreender como tem sido discutido e compreendido a produção do conhecimento das comunidades tradicionais. Neste sentido o interesse desta análise se debruça menos nos objetivos dos trabalhos selecionados e mais no cerne da interação e da compreensão das comunidades tradicionais por parte dos acadêmicos no que tange aos conhecimentos das comunidades tradicionais. Procuramos preservar a identificação dos trabalhos realizados durante a discussão, que se faz com base em interpretação à luz da discussão em Boaventura Sousa Santos acerca da Produção do conhecimento.

Quadro – Concepções dos partícipes da pesquisa BTPp

(BTPp-LIT) 1	[...] foram identificados os informantes-chave na comunidade para a aplicação das entrevistas semi-estruturadas, bem como os contatos institucionais para a aplicação do instrumento de pesquisa com os gestores da Política Ambiental no Estado do Amazonas. A abordagem dos sujeitos da pesquisa ocorreu através da adoção de técnica e instrumentos que visaram obter dados de natureza qualitativa. (grifo meu).
	Quanto aos critérios de inclusão relativos aos sujeitos da pesquisa para

(BTPp-LIT) 2	aplicação das entrevistas em Vila Darcy, foram utilizados os seguintes critérios: [...] Quanto aos os critérios adotados na pesquisa junto às instituições pertinentes : [...] Quanto aos gestores institucionais , o único critério determinante para escolha dos interlocutores foi: [...]
(BTPp-LIT) 3	Portanto, reconhece-se a existência de arena política onde as diferenças podem ser afirmadas e a negociação faz-se possível em função do reconhecimento da legitimidade das posições [2] e interesses dos diferentes interlocutores envolvidos
(BTPp-ALE) 1	Todavia, as comunidades locais não apenas recebem passivamente as influências e impactos de agentes externos, mas são sujeitos nessas relações, capazes de reinventar e traduzir a modernidade a partir de seus sistemas culturais. (grifo meu)
(BTPp-ALE) 2	Segundo um dos informantes , antes não havia braquiária [...] Uma observação interessante feita por alguns informantes é que nos "tempos antigos", quando havia mais roças e os arrozais, havia mais bichos [...] Como explicitado por uma das informantes , nos tempos antigos não havia milho /e usava plantar em mês sem R (maio, julho, julho, agosto). [...] Algumas informações sobre sinais ecológicos utilizados na previsão do tempo também foram indicados pelos informantes , fato já reportado na literatura ([...][3]). Um dos informantes, um velho caçara de viva memória, assim descreve uma parte destes saberes do céu: [...] (grifo meu).
(BTPp-ALE) 3	Desta forma foi possível o levantamento das espécies consideradas nativas do ponto de vista dos informantes . As informações referentes ao conhecimento sobre sucessão ecológica e classificação e uso da paisagem [...] (grifo meu).
(BTPp-ALE) 4	Desta maneira, em nosso estudo, quanto mais próximo de 1 for o índice de saliência para determinada espécie animal, maior o consenso entre os informantes sobre o papel daquela espécie no processo ecológico em questão. No entanto, um fator importante para esse resultado é que nesta pesquisa, as entrevistas foram direcionadas para espécies nativas, da &8213;mata, ao menos do ponto de vista dos informantes (grifo meu).
(BTPp-ALE) 5	O conhecimento das comunidades sobre a fenologia das espécies também se mostrou relativamente de acordo com os dados presentes na literatura científica ([...][4]). No entanto, vale ressaltar que a escassez de estudos fenológicos específicos para as áreas de estudo limita nossa comparação com os dados fornecidos pelas comunidades. Todavia, o grau de correspondência entre as citações dos informantes e os dados encontrados na literatura foram extremamente elevados para algumas espécies (grifo meu).
(BTPp-GOT) 1	As visitas ocorriam em dias programados pela pesquisadora em comum acordo com os informantes identificados [...] A escolha dos interlocutores ocorreu por indicação da própria comunidade, em conjunto com a observação da autora da pesquisa, [...] (grifo meu).
(BTPp-GOT) 2	[...] para compreensão dos significantes e de outros signos das narrativas , através dos fragmentos de histórias de vida dos sujeitos . [...] inicialmente tiveram o intuito de compreender os significados atribuídos pelos sujeitos , marisqueiras [...] Estes significantes são tecidos pela própria fala dos sujeitos , interligadas ao seu contexto social (grifo meu).
(BTPp-GOT) 3	[...] ele deixe de dominar todas as etapas ligadas ao processo de trabalho, revestindo sua atividade de uma qualidade incomum, pois o mesmo se sente sujeito ativo das decisões de seu trabalho . “[...][5]” (grifo meu).
	Ao se tratar de experiências vivenciadas dentro do processo saúde-doença é

(BTPp-GOT) 4	impossível desapropriar os sujeitos das concepções e representações arraigadas ao saber cultural. Mesmo em trabalhos dotados de poucas opções e satisfação de necessidades mais amplas, há fortes vínculos afetivos entre o sujeito e sua atividade de trabalho (grifo meu).
(BTPp-GOT) 5	Como uma arte, a mariscagem extrapola e recria os significados do trabalho , que vai além da necessidade de sobrevivência, possibilitando liberdade e prazer para as mulheres que dela vivem (grifo meu).
(BTPp-GOT) 6	A experiência de campo apresentada envolve o corpo, a mente, a intencionalidade e a relação dos sujeitos ali presentes . Para decifrar a linguagem do corpo-que-trabalha-na-maré foi preciso revelar e (re) construir as narrativas corporais, através das minhas narrativas. (grifo meu).

No estudo BTPC-LIT, ao se referir aos indivíduos com os quais contataria para desenvolvimento do trabalho, há uma alternância entre os termos *informante*, *sujeito*, e *interlocutor* no que diz respeito aos partícipes da pesquisa, como podemos ver em (BTPp-LIT) 1 e2.

No trabalho de LIT consta um quadro ilustrando o esquema da pesquisa e da interação onde, o termo *interlocutor* é aplicado para se referir a um dos gestores, o termo *informante* para os indivíduos da comunidade e líderes, e o termo *sujeito* é generalizado o que em conjunto com os excertos sinaliza uma instabilidade. Depois em um contexto de uma tomada de posicionamento por parte da proponente do estudo o termo *interlocutor* parece ser estendido e entendido a todos os partícipes da pesquisa: “Portanto, **reconhece-se** a existência de arena política onde as diferenças podem ser afirmadas e a negociação faz-se possível em função do reconhecimento **da legitimidade das posições[6]** e interesses dos diferentes interlocutores envolvidos “. (BTPp-LIT) 3

Observou-se que o termo *informante* aparece quatro vezes em todo o trabalho, sempre em referência à comunidade, o termo *interlocutor* aparece três vezes, e como vimos, estende-se à comunidade tradicional também, e o termo *sujeito*, aparece quatro vezes, sendo que duas, de uma forma generalizada, diz respeito aos partícipes na interação da pesquisa e outras duas remetem à discussão na literatura. Tais indícios levam a ponderar que, diante das descrições segundo BTPp-LIT, não há na relação entre os partícipes o reconhecimento efetivo do outro, para a construção do conhecimento emancipação tão necessário na contemporaneidade. “A ideia de que não conhecemos do real senão o que introduzimos [...]” (SANTOS, 2002, p.69) parece se aplicar bem aqui. Conforme Santos (2002) há uma dificuldade de posicionamento na produção do conhecimento, percebemos aqui uma dificuldade em compreender os próprios partícipes com os quais interage para a pesquisa.

De acordo com Santos (2002): “No paradigma emergente, o caráter autobiográfico do conhecimento-emancipação é plenamente assumido: um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos.” (op. Cit. P.84).

A obra BTPp-ALE não apresenta o termo *interlocutor*, o termo *sujeito* aparece duas vezes: uma em referência à literatura e outra, a sua compreensão acerca da comunidade trabalhada: “Todavia, as comunidades locais não apenas recebem passivamente as influências e impactos de agentes externos, **mas são sujeitos nessas relações, capazes de reinventar e traduzir a modernidade** a partir de seus sistemas culturais.” (BTPp-ALE) 1.

No entanto, o termo *informante* aparece mais de quarenta vezes no trabalho, contudo seu sentido é estendido ao se referir aos partícipes desta forma, mas, chamando-os ao diálogo tanto com o proponente da pesquisa como com a literatura: A referência aos informantes parece trazê-los ao diálogo nas questões tratadas, conforme os excertos acima. Nos dois últimos blocos de excertos parece haver uma valorização e reconhecimento do olhar da comunidade denotando uma compreensão dos partícipes híbrida e dialógica que vai de *interlocutor* à equivalência à literatura sem, contudo, paradoxalmente, alcançar o status de sujeito do conhecimento no sentido de a(u)tor do conhecimento, mesmo que, conforme próximo bloco de excertos, seja capaz de subsidiar a atualização desta conforme os excertos (BTPp-ALE) 4 e 5.

Se por um lado as referências do termo *informante* insinua uma perspectiva de diálogo e proximidade, por outro, sua semântica nas práticas sociais traz um sentido de distanciamento na relação sujeito e objeto, o que provavelmente vai incidir na postura daquele que a adota.

Quanto a este aspecto alguns autores vão falar da dificuldade da capacidade crítica na produção de conhecimento, dados aos confrontos de paradigmas tanto no que tange ao campo das ideias com no que toca ao campo da vida. (FREIRE, 1979; SANTOS, 2002; MORRIN, 2010).

Paradoxalmente, o trabalho discorre em todo seu entorno do valor do conhecimento tradicional sobre uma perspectiva

de que não existe vida sem o ato do conhecimento o que vai de encontro ao que pressupõe Maturana e Varela (1995) ao afirmar que viver é conhecer. Parece tratar-se de uma compreensão em dimensão externa da realidade, não cognoscível de modo que ainda não há uma posição crítica, mas “uma experiência da realidade na qual ele está e procura.” (FREIRE, 1979, p. 15), ou seja:

Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 1979, p. 15).

A obra BTPp-GOT, tanto o termo *informante* quanto o termo *interlocutor* só aparecem uma vez. Enquanto que o termo *sujeito* vai aparecer 20 vezes, contudo, ora remetendo-se à literatura, em outros casos, referindo-se aos partícipes da pesquisa. Bem como, vez ou outra não se reportando a nenhum dos dois, mas em um contexto que parece enunciar uma teorização, visto que aparece generalizado, como que partindo de um concreto para um abstrato.

A relação pesquisador acadêmico e membros da comunidade tradicional na maioria dos pesquisa aponta o que Santos (2002) atesta de ignorância colonial no sentido de persistir em avançar, desbravar, explorar, sem se dá conta de situa-se, de lembrar-se, de perceber-se, ou seja, por conta de sua perspectiva externa e desintegrada do meio, e do outro, e até mesmo de si. Segundo ele: “Um das fraquezas da teoria crítica moderna foi não ter reconhecido que a razão que critica não pode ser a mesma que pensa, constrói, e legitima aquilo que é criticável.” (SANTOS, 2002, p.29).

A obra BTPp-GOT apresenta neste sentido como uma exceção das demais, percebe-se uma ligação entre o uso preponderante do termo e a abordagem e/ou a metodologia da pesquisa e principalmente ou conseqüentemente o grau de implicação, ou seja, de conhecimento a partir de um reconhecimento do outro e de si, nesta interação eu outro, com vimos discutindo.

Em dois dos trabalhos: BTPC-LIT e BTPC-ALE, seus excertos denotam uma preocupação e uma atenção, aparentemente a questões sociais, só que confirma a dificuldade da localização do ponto de partida para enfrentar os desafios a alcançar uma emancipação, uma consciência crítica, isto é, para conjugar o conhecer em seu próprio ato. (FREIRE, 1979; SANTOS, 2002).

Considerações finais

Por fim, percebemos que o registro BTPC-GOT foi o que mais parece se aproximar do interesse pela vida e foi o que apresenta também, um produto do conhecimento por parte dos partícipes na pesquisa que foi uma cartilha, além de outra iniciativa implicada com a questão pesquisada. Contudo, esta implicação não tem tanto poder sozinha, em uma perspectiva solitária, é necessária uma capacidade de construção coletiva para o conhecimento emancipação necessário à transformação social, e também neste mesmo trabalho, é mencionado o papel da união entre pesquisa e extensão nesta formação que também se dá conjuntamente.

A oscilação no posicionamento, compreensão e uso dos termos: *interlocutor*, *informante* e *sujeito*, nos excertos apresentados, sinaliza a tensão e crise que constitui a política semântica (op. cit.) que subsidia uma posição no campo, mas que da qual prescinde a consciência de si, ou ao menos não se pode dissociar. Isso só é possível no mundo vida, e neste sentido, os três registros do BT, os quais apresentavam o termo “produção do conhecimento” em contexto envolvendo comunidades tradicionais ratificam:

Dois instrumentos de atividade educativa foram produzidos no decorrer de 2011. A cartilha “*Saúde no trabalho das pescadoras marisqueira*”, construída pelas marisqueiras de Pernambuco e Paraíba através de uma atividade realizada pelo Projeto Gente de Maré e instituições convidadas, como o grupo de pesquisa do SESAOUFBA. Um segundo instrumento elaborado pelo SESAOUFBA foi direcionado para atividades de capacitação de agentes multiplicadores, o “*Guia de orientações para identificação de casos LER/DORT em pescadores artesanais – marisqueiras*”, com enfoque nos profissionais do Programa de Saúde da Família. (BTPCp-GOT).

Outro aspecto que configura a capacidade crítica e de conhecimento emancipação em BTPC-GOT, é sua característica autobiográfica conforme o excerto:

As devolutivas do estudo seguem como prioridades na continuidade dos estudos desenvolvidos em comunidades pesqueiras, visando melhorias nas condições de vida e trabalho. Um importante passo foi dado no que concerne à compreensão do cenário da mariscagem na Ilha das Fontes. As proposições aqui levantadas emergiram nesse contexto e dessa forma, possibilitarão a ampliação de novos debates.

(BTPC-GOT)

A proponente da pesquisa fala em primeira pessoa de sua experiência e da experiência dos outros partícipes, embora seu objetivo seja a mulher marisqueira, ela traz trechos de falas de pescador, o que configura o atendimento da incomensurabilidade da diferença e do não silenciamento no que diz respeito às posições e tensões, bem como a compreensão inacabada da construção do conhecimento e comprometimento.

ALMADA, Duarte Emmanuel. **ENTRE AS SERRAS**: Etnoecologia de Duas Comunidades Quilombolas no Sudeste Brasileiro. UNICAMP, Campinas: São Paulo, 2012.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Amazônia: a dimensão política dos “conhecimentos tradicionais” como fator essencial de transição econômica – pontos resumidos para uma discussão. In: **Somanlu**, ano 4, n. 1, jan./jun. 2004

BRAND, Antonio Jacó; CALDERONI, Valéria Aparecida Mendonça de Oliveira. Povos Indígenas e Formação Acadêmica: ambivalência e desafios. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n.1, p.85-97, jan./abr., 2012.

FREIRE, Paulo. **Conscientização Teoria e Prática da Libertação**: uma introdução introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

GOMES, Thais Mara Dias. **Mulheres das águas: significações do corpo-que trabalha-na-maré**. UFBA, Salvador, 2012.

MORIN, Edgard. **Ciência com Consciência**. Trad. Maria d. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MATURANA, Humberto R.; VARELA J., Francisco. . **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 6. ed. São Paulo, SP: Palas Athena, 2007. 283 p. ISBN 9788572420327 (broch.)

1 Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade. Pesquisa: Produção do Conhecimento de Universitários de Comundiades Tradicionais

2 Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia e Professora do Programa de Difusão do Conhecimento UFBA/FACED

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: